

## **41º Encontro Anual da Anpocs**

CQ6 - Marxismo e Ciências Sociais. 100 anos da Revolução Russa  
2ª sessão: Os impactos da Revolução Russa na Teoria Social e Política

### **Comunicação**

**“A. Gramsci e a Revolução Russa: Cultura, Educação e Organização”.**

Autora: Luciana Aliaga

23 a 27 de Outubro de 2017 – Caxambu-MG

## A. Gramsci e a Revolução Russa: Cultura, Educação e Organização.

Luciana Aliaga

### Resumo

Neste artigo trabalhamos com a ideia de que as experiências decorridas no ano de 1917 (e seus desdobramentos posteriores), quais sejam, a Revolução Russa, os anos finais da I Guerra Mundial e o pós guerra, as revoltas de agosto de 1917 em Turim e o *Biennio Rosso* (1919-1920) despertaram em Gramsci reflexões específicas sobre a relação entre cultura, educação e organização, noções que estão na base do conceito de Revolução intelectual e moral, que será desenvolvido nos *Cadernos do Cárcere* a partir de 1929.

**Palavras-chave:** Revolução Russa; Cultura; Organização; Reforma Intelectual e Moral.

### Introdução

O ano de 1917 é um ano fundamental na vida de Antonio Gramsci, então com 26 anos. Como observa Leonardo Rapone, neste ano em especial é possível perceber que “o horizonte dos artigos de Gramsci amplia-se progressivamente a partir da primavera”, isto é, logo após a revolução de fevereiro (RAPONE, 2014, p. 87). Neste sentido, é possível notar como a perspectiva de transformações trazidas pela Revolução Russa impulsiona as reflexões do autor. A análise dos seus artigos publicados nos jornais do PSI e

posteriormente no PCI, e no *L'Ordine Nuovo*, “*publicação semanal de cultura socialista*”, que Gramsci funda com três amigos Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Angelo Tasca, mostram textos mais incisivos e fortemente caracterizados por questões de ordem política internas e externas.

Este período, inaugurado pelas experiências de 1917, deixa uma profunda marca não apenas na história, mas também na personalidade de A. Gramsci. Causa impacto na sua atividade editorial, constitui-se em estímulo político e intelectual tanto a revolução que se inicia na Rússia quanto os movimentos insurrecionais que ocorrem em Turim em agosto daquele ano e posteriormente o *Biennio Rosso*, entre 1919 e 1920.

As tensões na Itália e na Europa como um todo demandam mais das direções socialistas. Isto tem impacto direto na vida do jovem Gramsci, que encontra maior oportunidade de direção neste momento de conflito em que as lideranças são escassas para as enormes necessidades do período. Em 1917 Gramsci entra no “comitê provisório que dirige a seção turinense do PSI” (se torna secretário desta seção), assumindo também a redação do *Grido del popolo*, na qual permanecerá até 1920.

A partir desta oportunidade Gramsci põe em prática um projeto que “associa estreitamente o trabalho de ‘cultura’ e ‘educação’ ao de organização política” (RAPONE, 2014, p. 91). Como atesta Piero Gobetti, nas mãos de Gramsci o *Il Grido*, “o pequeno semanário de propaganda do partido tornou-se, em 1918, uma revista de cultura e de pensamento” (idem, p. 92). De acordo com Gobetti, o jornal dirigido por Gramsci se guiava “cada vez mais em torno de um único tema: discussão e interpretação da Revolução Russa” (cf. idem).

Embora este projeto de associação entre cultura, educação e organização fosse importante para contornar as restrições da censura sobre os artigos de crítica política ao Estado ou de incitação à luta, não se pode interpretar esta orientação cultural de Gramsci como um recuo, ao contrário, de certa forma esta foi a oportunidade de colocar em prática “uma concepção de socialismo como edificação civil e moral, para delinear as características da

‘humanidade nova que [os socialistas] querem preparar e instaurar’ para esclarecer seu ideal de “renovação ética, de elevação dos espíritos e das consciências”, conforme escreve o autor em *Il grido del popolo nel 1918* (cf. idem, p. 92). Além disto, como observa Dias (2017, p. 60), fazendo referência ao positivismo reinante no seio do movimento socialista neste período, a valorização da cultura por Gramsci se coloca no front do “combate a um doutrinário cego produzido por uma cultura determinista, segundo a qual o ‘mundo caminha para o socialismo’”, dispensando, portanto, a tarefa de preparação intelectual e política.

Diante disto, neste artigo trabalhamos com a ideia de que as experiências decorridas a partir do ano de 1917 e seus desdobramentos posteriores, quais sejam, a Revolução Russa, os anos finais da I Guerra Mundial, as revoltas de agosto de 1917 em Turim, e, posteriormente o *Biennio Rosso* (1919-1920) despertam em Gramsci reflexões sobre a relação entre cultura, educação e organização, noções que estão na base do conceito de Revolução intelectual e moral, que será desenvolvido nos *Cadernos do Cárcere* a partir de 1929.

Sendo assim, os conceitos basilares de senso comum, bom senso, filosofia e religião que se relacionam com a luta de hegemonias ao nível da consciência e que são precondição para a criação de uma nova cultura, de bases genuinamente populares, encontram nas experiências de 1917 sua base concreta e seminal.

### **Panorama histórico: 1917-1920**

Em função dos problemas econômicos causados pela guerra, entre os mais graves a carestia de gêneros alimentícios básicos e a inflação que corroía

salários<sup>1</sup>, estouram manifestações nos centros industriais da Itália, especialmente em Turim, capital industrial, transformada “num imenso arsenal” e com concentração operária elevada. A cidade foi palco de manifestações, que encontram nos acontecimentos russos de 1917 um incentivo para a ação autônoma das massas populares (cf. DIAS, 2000, p. 252; DIAS, 2004, p. 147).

Uma série de greves e manifestações que se desenvolvem em Turim no mês de agosto de 1917 inicia-se, sobretudo, pela falta de trigo e, conseqüentemente, pela falta de pão, base da alimentação dos trabalhadores urbanos. Contudo ela se espraia, isto é, sua reivindicação se amplia nas reivindicações pelo fim da guerra (idem, p. 253). Além disto, para os operários socialistas as notícias que chegavam da Rússia indicavam que “o velho equilíbrio social começa[ra] a esfacelar-se sob a pressão da revolta popular” (DIAS, 2004, p. 148). As lutas, portanto, recebem fundamental impulso dos acontecimentos russos, buscava-se na Itália “*fare come in Russia*” (idem).

Neste momento acirra-se a cisão no interior do PSI entre uma ala à direita e outra à esquerda. As lideranças à direita, os reformistas (tanto do Grupo Parlamentar Socialista – Cláudio Treves, Filippo Turati, entre outros, como os dirigentes sindicais, entre eles, Bruno Buozzi, secretário da FIOM<sup>2</sup>) procuravam, desde as primeiras manifestações, meses antes, conter as mobilizações, canalizar institucionalmente as tensões sociais. A partir da segunda quinzena de agosto, as coisas parecem estar mais controladas e parte desta liderança se ausenta para o gozo de férias. Neste ínterim, contudo, os trabalhadores agem livremente e passam a atacar lojas de armas e no dia 23 de agosto, a cidade parece totalmente paralisada. Como afirma Edmundo Dias em seu *Gramsci em Turim* (2000, p. 254),

“a greve espontânea toma acentos pré-insurrecionais, apesar, ou melhor, por causa da inexistência de qualquer palavra de ordem do partido ou dos

---

<sup>1</sup> De acordo com Galastri (2015, p. 51) a guerra custou aos “cofres italianos 157 bilhões de liras e, em relação a 1914, o débito público quadruplicara, enquanto a renda nacional teria caído de 94 bilhões para cerca de 75 bilhões”.

<sup>2</sup> *Federazione Impiegati Operai Metallurgici*.

sindicatos [...]. Barricadas são erguidas. Os operários ocupam ‘militarmente’ seus bairros”.

Contudo, sem direção (as lideranças socialistas e sindicais se encontram neste momento completamente paralisadas<sup>3</sup>) a revolta operária é sufocada pelas forças repressivas no dia 25 de agosto, a greve geral ainda durará dois dias e depois os trabalhadores voltam às fábricas (idem, p. 254-255).

A revolta turinense, contudo, embora esmagada, é “reveladora da transformação psicológica e da determinação combativa gerada nos trabalhadores pela guerra” e pela Revolução Russa. Ela permite a Gramsci “começar a atualizar o discurso sobre a revolução”, apesar de que apenas depois do conflito (ao final de 1920 mais propriamente) é que a perspectiva revolucionária se apresentará de modo mais claro para o autor (cf. RAPONE, 2014, p. 91).

O cenário do pós-guerra, mesmo depois de sufocadas as revoltas de agosto, continua instável e potencialmente explosivo. Diante disto, os capitalistas organizados na Amma (*Associazione tra gli industriali metallurgici meccanici ed affini*), Confindustria e FNSIM (*Federazione Nazionale Sindacale della Industria Meccanica*), buscam desarticular os conselhos de fábrica<sup>4</sup> “dado que eles ultrapassavam o limite do horizonte corporativo” (Dias, 2000, p. 261). Olivetti, secretário geral da *Confindustria* – entidade máxima dos industriais – em seu relatório sobre os conselhos de fábrica demonstra preocupação não apenas com a autonomia e capacidade de decisão do operariado por meio dos conselhos, mas fundamentalmente sobre a preparação que eles forneciam para a revolução, tendo como pano de fundo a revolução russa: De acordo com Dias,

---

<sup>3</sup> “com a maioria dos dirigentes de férias, as lideranças secundárias da Comissão Executiva da Seção Socialista e da CT se reúnem na sede da *Alleanza Cooperativa Torinese* (ACT), mas não conseguem tomar qualquer resolução. Estão divididas: os reformistas tentam fazer o movimento voltar à legalidade; os revolucionários aplaudem a insurreição, mas... não sabem dirigi-la. É impossível formar um centro dirigente do movimento” (DIAS, 2004, p. 152).

<sup>4</sup> Os conselhos de fábrica “surgiram, espontaneamente, no início do século e já no final da primeira década do século XX estavam reconhecidas legalmente. Nasceram como apêndices dos sindicatos existentes. Seus membros eram, em geral, indicados pelas direções dessas organizações. O palco da principal experiência dos conselhos de fábrica foi Turim” (cf. <https://solidariedadesocialista.wordpress.com/tag/torino-rossa-os-conselhos-de-fabrica-na-italia/>)

“Olivetti chega a afirmar que os *ordinovistas* ‘consideram que um dos motivos pelos quais os resultados derivados da ditadura do proletariado e da instauração do comunismo na Rússia não foram de todo bons, consiste na falta de preparação do proletariado para o exercício das funções dirigentes, técnicas e econômicas. Por isso, com sua instauração, desde agora, os conselhos operários tendem a evitar tal inconveniente no caso de uma revolução italiana, e, conseqüentemente, tendem a estabelecer um período de adestramento para o futuro exercício de todas as funções técnicas e administrativas da indústria” (Dias, 2000, p. 262).

Como se vê, os dirigentes burgueses tinham maior noção da potencialidade revolucionária dos conselhos de fábrica que os próprios dirigentes socialistas que subestimaram seu potencial, como veremos a seguir nas polêmicas internas ao PSI entre Gramsci, Amadeo Bordiga e Angelo Tasca. De acordo com Dias (idem, p. 262): “Olivetti pensa melhor a conjuntura que o PSI e a CGT (CGdL). Pensa-a do ponto de vista de classe e não de burocracia. E assim compreende a ação do inimigo”.

A partir disto os industriais partem para a ofensiva no intuito de restabelecer sua autoridade, que eles entendiam ter perdido com as comissões de fábrica. Numa série de atos que buscavam coibir a autonomia dos trabalhadores, até a demissão dos membros das comissões internas e o acionamento da “*serrata*”<sup>5</sup>. Mesmo depois de uma greve massiva no Piemonte, na qual trabalhadores da cidade e do campo cruzam os braços, na disputa entre FIOM e AMMA, CONFINDUSTRIA e FNSIM, estes últimos conseguem impedir a função de controle nas fábricas que tinham os conselhos (DIAS, 2000, p. 262-266).

Os industriais haviam se unificado na FNSIM, centralizaram a direção do movimento, além disso, organizaram uma coleta compulsória entre os

---

<sup>5</sup> “Suspensão total ou parcial do trabalho pelo empregador como um meio de intimidação, coerção e retaliação contra os trabalhadores durante disputas trabalhistas e lutas” (cf. <http://www.treccani.it/vocabolario/serrata>)

empresários, o que forneceu fundos para a ofensiva. Os trabalhadores, contudo, não tiveram sucesso na unificação do seu movimento, além disso, foram atrapalhados pelos seus próprios órgãos, a CGL (*Centrale Generale dei Lavoratori*) e o PSI impediram a ajuda das demais regiões ao movimento piemontês (idem).

Em setembro de 1920 estouram as ocupações de fábrica, em Turim o movimento se massifica e a liderança do movimento são os grupos ligados ao *Ordine Nuovo* de Gramsci, Palmiro Togliatti, Umberto Terracini (esquerda do PSI) e a *Il Soviet* (ligado a Amadeo Bordiga, extrema esquerda do PSI) (DIAS, 2000, p. 268-269). A resistência dura até início de outubro de 1920, quando o governo e as lideranças reformistas do movimento socialista fazem um acordo pelo qual os industriais cedem mais que pretendiam (e compreendem os limites do Estado liberal, como observa Dias, “estavam criadas as condições para o fortalecimento do fascismo”) e o movimento revolucionário sai derrotado (DIAS, 2000, p. 270).

### **Os impactos dos acontecimentos de 1917 a 1920 e a formação do PCI**

Os acontecimentos históricos de agosto 1917 levam a formação de uma nova fração no interior do PSI – a fração “intransigente-revolucionária”, de caráter antipatriótico e classista, da qual adere coletivamente a seção de Turim. Amadeo Bordiga, que se fez imediatamente intérprete da nova corrente revolucionária, “coloca a exigência de passar a uma ação mais incisiva e resoluta em vista da conquista do poder” (RAPONE, 2014, p. 102). Gramsci, por outro lado, ainda tinha dúvidas se haviam condições para o choque pelo poder.

No imediato pós-guerra, entre 1918 e 1920, os debates internos do PSI sobre a política do partido para o período, principalmente sobre os efeitos políticos e econômicos da guerra na Itália e as políticas colaboracionistas propostas pelo Estado, acirraram as disputas entre as frações do PSI –

extremistas (maximalistas) e reformistas –, bem como explicitaram o posicionamento de Gramsci (contra os reformistas, contudo, ponderando as posições maximalistas).

Este posicionamento se mostrou cada vez mais radicalizado na perspectiva da articulação entre pensamento e ação, isto é, entre cultura, educação e organização. Como lembra Rapone, em artigo de setembro de 1918, “*La vera crisi*”, publicado no *Avanti!*, Gramsci escreve que

“‘a educação política e moral’, ‘uma interna disciplina intelectual e volitiva’ servem ‘ao armazenamento das energias que deverão um dia prorromper, expandir-se, exteriorizar-se’. ‘Esta educação e esta disciplina são *força e realidade*. E um programa que vise à perfeição interna dos socialistas é um programa *prático*; e uma ação que vise à realização deste programa é uma ação prática, como é prático o conceito que gera, segundo as leis da realidade, o próprio conteúdo” (apud. RAPONE, 2014, p. 112).

O autor revela – como sugere Rapone – “preocupações metapolíticas”, ligadas a uma “necessidade de renovação da ação socialista não limitada à esfera dos programas e dos objetivos” (RAPONE, 2014, p. 102). Ele dirá em *Letture*, artigo publicado em *Il Grido del Popolo*, 24 novembro de 1917:

“somos revolucionários na ação, mas reformistas no pensamento: confiamos no futuro e pensamos mal. Avançamos mais por intuição do que por raciocínio, e isto leva a uma instabilidade contínua, a uma contínua insatisfação: somos mais temperamento do que caráter” (GRAMSCI, 1973, p. 56).

Gramsci demonstra já neste período uma “sensibilidade particular” com relação à renovação espiritual do sujeito político, que estão expressos na sua proposta de criar uma Associação de Cultura, bem como da formação do Clube da Vida Moral. No interior da luta de tendências no PSI pouco a pouco vem a

lume o nexos que Gramsci estava estabelecendo “entre programa político e intensificação da vida moral” (RAPONE, 2014, p. 103).

Os conselhos de fábrica neste contexto são vistos por Gramsci como organismos politicamente superiores aos sindicatos, capazes de fornecer condições concretas necessárias para formação militante e intelectual dos operários. Estas reflexões se desenvolvem fundamentalmente baseadas nos *soviets*, base do poder operário na Rússia, cuja experiência poderia ser traduzida na Itália por meio dos conselhos de fábrica. Entre 1919 e 1920, anos do *Biennio Rosso*, os artigos publicados por Gramsci estão voltados, sobretudo, para teorização dos conselhos de fábrica, como forma italiana dos *soviets*. Por isto

“Uma das principais temáticas presentes nestes artigos é a proposta gramsciana de estabelecer distinção entre sindicatos e conselhos: enquanto os primeiros são vistos por ele como organismos que não transcendem a ordem capitalista (já que não põem em questão o trabalho assalariado), os segundos são apontados como organismos capazes de elevar o operário da condição de assalariado àquela de produtor, pelo que devem e podem se tornar organismos privilegiados na construção do Estado operário” (COUTINHO, 2004, p. 17).

A proposta gramsciana do papel revolucionários dos conselhos de fábrica, contudo, encontra resistências internas ao PSI, tanto à esquerda com Amadeo Bordiga, quanto à direita, com Angelo Tasca (Dias, 2000, p. 257). Segundo Bordiga, “os *soviets* só são realmente revolucionários depois da conquista do poder, pois ‘enquanto existe o poder burguês, o órgão da revolução é o partido; depois da liquidação do poder burguês é a rede dos conselhos operários’” (Dias, 2000, p. 258).

Para Bordiga haveria uma separação básica entre política e economia: os conselhos eram órgãos econômicos, enquanto o partido era eminentemente político e o único capaz de uma posição universalista, não corporativista, sendo

assim, a atividade política ocuparia o primeiro plano antes da revolução e da eliminação das classes parasitárias, após a revolução, “as funções políticas vão perdendo importância diante das econômicas” (DIAS, 2000, p. 258).

Bordiga entendia a posição de Gramsci como uma espécie de gradualismo, reformismo ou até mesmo sindicalismo, “marcado pelo erro segundo o qual o proletariado pode emancipar-se ganhando terreno nas relações econômicas quando ainda o capitalismo detém, mediante o Estado, o poder político” (DIAS, 2000, p. 258).

Tasca, por outro lado, critica as proposições gramscianas por entender que “os sindicatos devem permanecer como organizações fundamentais do mundo do trabalho” (DIAS, 2000, p. 260). Neste sentido os conselhos deveriam ser seções da FIOM<sup>6</sup>, de modo que o sindicato permaneça como “órgão natural da luta de classes” (idem). Os conselhos seriam a expressão da organização sindical na indústria, para isto, todos os membros do conselho teriam que ser sindicalizados.

O conselho seria uma espécie de célula do sindicato, a quem caberia coordenar e disciplinar sua ação. Em suma, o conselho passaria a ser um mero representante do sindicato na fábrica. De modo que as concepções de autogoverno e autonomia se perdem completamente. Para Dias (2000, p. 261), esta proposta descaracterizava tanto o conselho quanto o sindicato. “No caso dos conselhos ele acaba com sua democracia, tornando suas esferas mais e mais indiretas”.

Contudo, após o refluxo do movimento conselhistas, Gramsci preocupa-se cada vez mais com a temática do partido político, principalmente sobre a necessidade de criação de um novo partido, do Partido Comunista (o PCI, que será fundado em janeiro de 1921)<sup>7</sup>. A consciência de que o PSI já havia se esgotado como instrumento político da revolução está intimamente ligada à

---

<sup>6</sup> Organização que Tasca dirigiu entre os anos 1912-13 (cf. <http://www.treccani.it/enciclopedia/angelo-tasca>).

<sup>7</sup> No que se referia a necessidade de um partido verdadeiramente comunista que rompesse com o socialismo burguês, o grupo liderado por Bordiga (que se reunia na redação de *Il Soviet*) e aquele composto por Gramsci (*L'Ordine Nuovo*) convergiam (DIAS, 2000, p. 272).

revolução “nas formas assumidas pela experiência soviética (‘a ditadura do proletariado’). De modo que a revolução russa consiste no “pano de fundo do apelo à organização, apresentada como necessidade mais urgente do momento” (RAPONE, 2014, p. 113).

### **Gramsci: o papel da cultura nos processos de revolução popular**

Alguns meses após fevereiro de 1917, Gramsci escreve o primeiro comentário sobre a tomada de poder por parte dos bolcheviques na Rússia, expressando apoio às posições de Lênin. Para Gramsci o partido bolchevique seria o único determinado a impulsionar o processo revolucionário no sentido da realização das potencialidades socialistas (cf. RAPONE, 2014, p. 104). Após a Revolução de Outubro, contudo, Gramsci publica um artigo de singular interpretação com um título de efeito: “A revolução contra *O capital*”, destinado ao *Grido del Popolo* de 1º de Dezembro e totalmente censurado. Depois publicado no *Avanti!*, como editorial na véspera de natal em 1917 (idem). O artigo argumentava

“que os bolcheviques venceram porque deram livre curso à vontade de alcançar o socialismo e não se deixaram enredar pelo ensinamento geralmente extraído da obra de Marx, segundo a qual a passagem por uma época de prosperidade capitalista deveria ser necessário pressuposto do advento de um modo de produção socialista” (idem).

Como observa Carlos Nelson Coutinho (2004, p. 16),

“a partir de 1917 registra-se a presença de vários escritos nos quais Gramsci manifesta e justifica sua adesão entusiástica à Revolução de Outubro, que ele não hesita em considerar como uma “revolução contra *O capital*, no célebre artigo onde – ao lado de uma posição inequivocamente favorável aos bolcheviques – também se revela a

permanência de fortes traços daquela visão idealista e voluntarista que ele mesmo iria chamar depois de ‘tendencialmente crociana’<sup>8</sup>.

Neste artigo, Gramsci se posiciona contra o economicismo e o positivismo, identificando no próprio Marx “concessões a essas formas de conceber a vida social” (DEL ROIO 2017, p. 112). Este procedimento que valorizava ao extremo a subjetividade o levou a distinguir nos bolcheviques uma atitude contrária não apenas àquela do marxismo vigente na cultura socialista da II Internacional, mas também uma contraposição a *O Capital* de K. Marx.

Esta singular posição de Gramsci não foi poupada de duras críticas no interior do movimento socialista, vindas de correntes opostas do PSI, em especial de Cláudio Trèves e de Bordiga. Trèves observa a “espantosa incultura da nova geração socialista italiana” que substituíra o “determinismo” pelo “voluntarismo” e a “*força transformadora* do instrumento de trabalho” pela “violência heroica ou histórica dos indivíduos ou grupos” (cf. RAPONE, 2014, p. 104-105). Já Bordiga “reivindica a plena correspondência entre a conduta dos bolcheviques e a doutrina de Marx”, contrapondo-se principalmente ao argumento de que a Revolução Russa poderia representar “a derrota do método do materialismo histórico e a afirmação, inversamente, de valores ‘idealistas’” (p. 105).

Este “tendencial crocianismo” de juventude é reconhecido por Gramsci nos *Cadernos do Cárcere*. No caderno 10 § 11, referindo-se aos seus escritos de 1917, o autor diz: “naquela época, o conceito de unidade entre teoria e prática, entre filosofia e política, não me era claro, e eu era, sobretudo, tendencialmente croceano” (GRAMSCI, 2011, p. 304). O seu “crocianismo” estava fundamentado em uma sobredeterminação da vontade em relação às condições históricas concretas.

Nos anos entre 1917-1918, Gramsci entende que a vontade é aquela do homem que transforma o seu mundo através de uma prática que se caracteriza

---

<sup>8</sup> Ver CC, vol 1, p. 304.

como eminentemente renovadora, tentando uma atuação – ou pelo menos teorizando – um projeto social radicalmente inovador, a instauração da “nova ordem” socialista<sup>9</sup> (p. 61-62). Em sua juventude, portanto, Gramsci externava francamente sua distância em relação a K. Marx porquanto afirma o primado da vontade humana sobre os processos objetivos das relações econômicas. Contudo, esta inicial divergência tenderá a atenuar-se nos anos sucessivos, “até alcançar uma original convergência” (MEDICI, 2000, p. 65).

Os conceitos relativos à vontade, vontade nacional-popular, bem como a articulação orgânica entre teoria e à prática no interior de um organismo de classe – noções basilares da “revolução intelectual e moral” –, entretanto, ainda se encontravam sob forma embrionária nos escritos pré-carcerários e foram muito mal recebidos no interior do PSI.

Sua especial atenção à associação entre cultura, educação e organização foi entendida por alguns dirigentes sindicais como uma “bizarrice intelectualista” (RAPONE, 2014, p. 94). Suas reflexões sobre a importância da formação intelectual e da educação dos operários publicadas no jornal *Il Grido del popolo*, obrigavam Gramsci a defender-se daqueles que o acusavam de “escrever difícil nas páginas do jornal”.

Em 25 de maio de 1918 publica um artigo chamado “*Cultura e lotta di classe*”, no qual diz: “um conceito que seja difícil de per si não pode se tornar fácil na expressão, sem se transformar numa coisa vulgar” (cf. idem, p. 95),

---

<sup>9</sup> Ao menos no que se refere à Gramsci – sublinha Medici – a expressão “*ordine nuovo*” remonta claramente a uma sugestão soreliana (MEDICI, 2000, p. 128). De acordo com a autora a associação entre valores morais e socialismo presentes no pensamento de Sorel está fortemente presente em Gramsci já antes do período da Revista *Ordine Nuovo* (1919-1920). Nos anos sucessivos acentua-se a componente ética do socialismo, tanto que a energia moral e a energia revolucionária tendem a intercambiar-se no pensamento de Gramsci (cf. idem, p. 129). Contudo, conforme adverte G. Bergami, “a dívida do jovem Gramsci com a teoria do sindicalismo revolucionário é sugestiva e não dominante”. A aceitação ocorre não em virtude dos conteúdos específicos da ideologia Soreliana, mas de uma certa empatia de temas entre os autores (idem, p. 135). Entretanto, a descoberta de Marx, o interesse por Maquiavel e o afastamento de Sorel são concomitantes na trajetória teórica de Gramsci (p. 137-139). A escassa utilização do termo “*ordine nuovo*” nos *Quaderni* indica o seu desaparecimento no conjunto de expressões que caracterizam de modo eminente o léxico político de Gramsci (p. 142). Medici desenvolve estes argumentos no capítulo V. *Ordini Nuovo e socialismo. Gramsci tra Machiavelli e Sorel* (idem, p. 111).

numa clara polêmica com aqueles que o acusavam de ter uma escrita incompreensível para os operários.

Nos anos 1918 as atividades de Gramsci no PSI se concentravam nas atividades jornalísticas: enquanto na sua coluna “Sotto la Mole” no *Avanti!* tratava de temas mais ligados ao cotidiano de Turim, os artigos publicados no *Il grido del popolo* tornam-se cada vez mais instrumentos para realizar seu projeto formativo, que enfrenta questões relativas à ação socialista nacional e internacional. Neste percurso, Gramsci passa ao aprofundamento da análise sobre “as transformações que a crise bélica e a experiência russa estão destinadas a produzir na vida social e política, no equilíbrio internacional, no ordenamento do capitalismo” (RAPONE, 2014, p. 106).

Gramsci pouco a pouco muda sua interpretação da Revolução Russa como “revolução contra o capital”. O próprio autor se referirá a este período no futuro, no artigo “*Semplici riflessioni*”, publicado em *I Grido del Popolo*, em 8 junho de 1918 (cf. RAPONE, 2014, p. 106), como “um momento histórico de capital importância para meu espírito, experiência histórica da qual participo com toda alma [...]”. A leitura singular que faz da Revolução Russa traz à superfície categorias e elaborações gramscianas que passariam por importantes reelaborações. Como observa Rapone (2014, p. 107),

“o bolchevismo e Lenin começam a reagir sobre os fundamentos intelectuais de seu socialismo e o levam, através de um processo de adaptação e integração, seja a encarar questões novas – entre as quais a própria questão do marxismo, que anteriormente jamais seriamente enfrentada –, seja a extrair da experiência russa as indicações úteis para dar realidade concreta aos propósitos e aspirações até então situados no plano ideal”.

Neste período (1918-1920) aprofunda-se em Gramsci uma nova e particular sensibilidade voltada para o nexos cultura-política (RAPONE, 2014, p. 117). O interesse principal era identificar os aspectos do bolchevismo “nos quais

pudesse basear a tradução na Itália da experiência revolucionária russa” (idem). Gramsci pergunta-se “se na Itália existiam instituições comparáveis aos *soviets*”. Neste sentido, era necessária “uma investigação sobre a organização das comissões internas de fábrica, porque ali, na Itália e em Turim, podia-se encontrar o germe de uma forma nacional de “autogoverno operário” (Il programma dell’“L’Ordine nuovo”, *L’Ordine Nuovo*, 14 ago. 1920, apud. RAPONE, 2014, p. 118).

Em 21 de junho de 1919, nas páginas de *L’Ordine Nuovo* é possível finalmente ler a concretização destas primeiras reflexões gramscianas sobre a tradução do bolchevismo e dos *soviets* para a Itália. O editorial cujo título era “Democracia operária” “constitui a origem programática daquilo que nos meses sucessivos se tornará o movimento turinense dos conselhos de fábrica, ponto culminante do amadurecimento teórico e político de Gramsci no tempo da juventude e produto mais típico da sua adesão ao comunismo e da interpretação do significado histórico da Revolução Russa” (RAPONE, 2014, p. 118).

Neste processo de amadurecimento de Gramsci, afirma-se a função educativa que deve acompanhar – segundo o autor – toda iniciativa política socialista. A perspectiva inicial da formação intelectual do militante toma corpo na experiência real,

“ao mesmo tempo de luta e de autodisciplinamento e elevação moral, tal como se configurará nos seus propósitos o movimento dos conselhos, que não pretenderá ser só mobilização anticapitalista, mas também produto de consciência e de intelecto, expressão daquela renovação da vida moral que fora parte essencial desde o princípio da sua concepção do socialismo” (RAPONE, 2014, p. 120-121).

Percebe-se uma reorientação em relação aos anos de 1917 e 1918, quando Gramsci buscava uma reforma do sujeito (expressa em *Cittá futura*, na Associação de Cultura, no Clube de Vida Moral e depois na direção de *Il Grido*). A Revolução Russa, em especial a experiência dos *soviets*, desencadeia

reflexões sobre auto-organização e autogoverno através dos conselhos que vão culminar – entre o fim de 1918 e início de 1919 – no estímulo determinante para sua inserção nas lutas operárias nas fábricas turinenses (cf. RAPONE, 2014, p. 121).

A partir do período do *Ordine Nuovo*, portanto, o pensamento de Gramsci passará por um sensível processo de desenvolvimento. O aprofundamento do contato com Marx leva Gramsci a uma densa transformação na sua concepção de vontade:

“o ‘fundamental tema gramsciano da vontade’ não é abandonado, suporta, ao contrário, um processo de problematização, no qual a nova consideração menos idealizada dos acontecimentos russos, conduz Gramsci a pensar em termos mais complexos e articulados o tema da revolução, de forma que ‘não a energia da vontade’, mas a análise das ‘condições nas quais ela opera’ aparece agora como ‘elemento decisivo’” (MEDICI, 2000, p. 65-66).

Vontade coletiva passa a se referir às condições históricas e subjetivas para formação de uma vontade transformadora. Problema ao mesmo tempo teórico-político e cognoscitivo que o partido da classe operária, isto é, o “moderno príncipe, deve enfrentar” (idem, cf. p. 66). Esta vontade racional, que deve corresponder a uma necessidade objetiva histórica, deve tomar corpo em um organismo coletivo e ao mesmo tempo ser acolhida de forma permanente por um grande número de indivíduos para revelar-se o tipo particular de vontade/atividade, tornando-se assim “uma cultura, um bom senso”, uma concepção de mundo (idem, p. 67). Esta vontade, para ser transformadora e inovadora precisa ser de tipo nacional-popular e de caráter jacobino (idem, p. 69).

De acordo com Medici (2000, p. 70), a vontade coletiva é uma noção basilar no complexo edifício teórico-prático que é a teoria gramsciana da transformação social, ligando-se com outras noções como hegemonia, nacional

popular, partido-príncipe e jacobinismo. Ela também representa um modo específico de ligar teoria e prática.

O conceito de vontade coletiva tem clara origem no conceito de vontade geral de Rousseau, e está igualmente baseado na concepção de autogoverno. Em Gramsci, contudo, a análise das relações sociais de forças empresta ao termo a concretude que falta aos conceitos rousseauianos. Enquanto a vontade geral é “uma vontade constante, inalterável e pura, infalível regra de justiça, referida a um sujeito abstrato – o povo soberano” a vontade coletiva, por outro lado, se refere a um sujeito concreto – ao partido revolucionário (Cf. MEDICI, 2000, p. 72). É, portanto, a análise das classes e do partido político o que dá concretude a elaboração abstrata da vontade geral. O tema da vontade assim, recebe enriquecimento nos *Cadernos* na medida em que é articulado à N. Maquiavel e à K. Marx. Como atesta Del Roio (2017, p. 110): “a Revolução Russa determinou em medida decisiva o afastamento de Gramsci em relação à Croce e a sua aproximação com o marxismo, via Lenin”.

Para Gramsci o problema se liga à formação do consenso, diferenciando-se em caso de ser ativo ou passivo: a aceitação ativa da hierarquia e de uma direção determinada permite que as vontades individuais atuem em “uníssonos” tal qual uma orquestra (expressão que Gramsci utiliza já no período de juventude)<sup>10</sup>. No caso de um consenso passivo, o organismo torna-se uma entidade estranha aos indivíduos, se torna um fetiche (Cf. MEDICI, 2000, p. 76). A questão fundamental, portanto, para a construção da hegemonia das classes subalternas passa a ser a inauguração de uma nova cultura, de caráter popular e nacional.

Neste sentido, a revolução socialista em uma sociedade complexa, permeada por trincheiras e casamatas, exigiria a presença de um sujeito popular

---

<sup>10</sup> Segundo Medici, Gramsci parece atenuar a importância do homem enquanto indivíduo, sem, entretanto, renunciar a ela. Há uma dificuldade de compreensão exata sobre a concepção de indivíduo de Gramsci, uma vez que temas importantes como o conceito de pessoa aparece já nos últimos dias de vida de Gramsci (MEDICI, 2000, p. 96). Mais adiante veremos que Medici concluirá que Gramsci consideraria a importância do indivíduo, contudo, sem fazer dele um valor absolutamente prioritário (p. 174). Para Joseph Femia, Gramsci operaria “a preferência marxista da unidade sobre a particularidade” (p. 175).

autônomo e ativo, um novo sujeito na história – as classes populares ativas e autônomas – o que implicaria na ruptura com o senso comum, com as visões de mundo que estão na base da cultura capitalista. Para isto, os programas políticos fundados em condições conjunturais não eram suficientes. Era necessário um trabalho de longo prazo baseado na associação entre cultura, educação e organização, suficientes para uma que Reforma intelectual e moral fosse capaz de se completar numa radical revolução econômica.

## **BIBLIOGRAFIA**

COUTINHO, C. N. “Introdução”. In GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. vol. 01, RJ: Civilização brasileira, 2004.

DEL ROIO, M. “A revolução russa como caminho de Gramsci para o marxismo”. In LOLE, A; GOMES, V. L.; DEL ROIO, M. *Gramsci e a revolução russa*. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

DIAS, E. F. “A revolução russa vista por Gramsci”. In LOLE, A; GOMES, V. L.; DEL ROIO, M. *Gramsci e a revolução russa*. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

DIAS, E. F. *Do Giolittismo à Guerra Mundial*. Primeira parte. Textos Didáticos. Campinas: IFCH/ UNICAMP, nº. 39, 2004.

DIAS, E. F. *Gramsci em Turim, a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã: 2000.

GALASTRI, L. *Gramsci, Marxismo e Revisionismo*. Campinas: Autores Associados, 2015.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, A. *Scritti politici*, a cura di Paolo Spriano. Roma: Editori Riuniti, 1973.

MEDICI, R. *Giobbe e Prometeo: Filosofia e Política nel Pensiero di Gramsci*,  
Firenze: Alínea, 2000.

RAPONE, L. *O Jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos 1914-1919*.  
Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.